

Editorial

Leitores e leitoras da revista Último Andar. Após um longo tempo sem publicações, partimos de novo na empreitada de mais um número sequencial da revista. Tratamos de retornar com textos de grande relevância para as discussões contemporâneas, não apenas das ciências da religião, mas tratando de temas que tenham impacto em diversos níveis e nichos da academia.

Iniciamos os trabalhos com uma entrevista feita por José Altran, mestrando do departamento de Ciências da Religião, com César Carbullanca Núñez, doutor em Teologia Bíblica pela Universidade Pontifícia de Comillas Madrid, coordenador geral do Congresso Maulino de Discernimento Teológico e membro da Sociedade Chilena de Teologia. Ele encabeça a criação do primeiro curso de pós-graduação em Ciências da Religião no Chile e nos apresenta a visão que norteia a iniciativa, dando especial ênfase à colaboração fundamental entre Teologia e múltiplas ciências, reforçando a importância de se dar voz aos próprios indivíduos que experimentam Deus mesmo fora da igreja ou da doutrina.

A seção de artigos se inicia com a contribuição de Wagner Lima Amaral, doutorando em Ciências da Religião na PUC, intitulado “A eco e o ego: uma análise de crise ecológica e do egoísmo humano”, tratando da crise da ecologia e de suas raízes no egoísmo humano. A eco é um grito da natureza e clamor dos oprimidos, em maioria; porém, massacrada pela minoria. Na base da crise ecológica está o egoísmo, o homem que tira muito do meio-ambiente, mas não coloca nada, ou muito pouco, de volta; e quando o faz é movido pelo consumismo; enaltecendo o ego. Logo após, “A aristocracia espiritual na administração do santuário de aparecida”, trabalho de Fernando Tetsuo Miyahira, discorre sobre as diretrizes e processos envolvendo a Congregação do Santíssimo Redentor, primeira instituição a cuidar do patrimônio de Aparecida desde inícios do século XX.

“Candomblé iorubá: a relação do homem com seu orixá pessoal”, discussão levada por Francisco Thiago Silva, da Universidade Phênix, de Goiás, trata desta religião afro-brasileira e as particularidades das raízes do Candomblé de matriz africana, que por meio dos escravos teve terreno fértil para se desenvolver no território brasileiro, se tornando de grande importância para a fundamentação da multi-culturalidade do Brasil. Érica Ferreira da Cunha Jorge, mestranda em Ciências Humanas na UFABC, promete desvelar algumas possibilidades dentro dos tramites sobre “O que muda na tradição? Uma reflexão sobre a relevância das mídias sociais para as tradições afro-brasileiras”, e como as mídias sociais tem importante papel para a disseminação e organização das religiões e culturas afro no Brasil.

Como revista eclética e de larga abrangência de temas, trazemos o artigo de Antonio Baptista Gonçalves, mestre e doutor em filosofia pela PUCSP, “Da intolerância religiosa aos direitos humanos”, que expõe a situação da igreja e da religião em questões como o proselitismo, laicismo e laicidade. Portanto, compreender como eram as relações religiosas nos tempos antigos trará o arcabouço de conhecimento necessário para apresentar a intolerância religiosa professada e praticada em larga escala pelas religiões ocidentais. Além da intolerância, a falta de conhecimento é também algo perigoso. “A queda do simbólico na vida contemporânea: uma interpretação da relação dos sujeitos com os símbolos da igreja matriz de americana”, texto de Marcel Henrique Rodrigues da UNISAL, discute a relação dos símbolos religiosos e os fiéis, e que existe certa exclusão dos símbolos religiosos, bem como o seu não entendimento por parte das pessoas.

Voltando no tempo, o texto “Primeira manifestação pré-histórica do universo religioso”, de Patrícia Duarte da UFPB, nos leva a inquirir sobre a simbologia, a produção de conhecimento e significado e da própria religiosidade das sociedades paleolíticas, buscando assim entendê-la e descobrir informações importantes como aponta Eliade que os registros rupestres foram os primeiros indícios que proveram os momentos iniciais da busca do ser humano e o seu transcendente, ou seja, a primeira manifestação do sagrado. Finalizando a seção, a contribuição “Yoga, saúde e religião”, de Pamela Siegel e Nelson Filice de Barros, nos oferece uma visão da Yoga e sua história no Brasil, como um sistema terapêutico-religioso, que inclui: um código de ética, posturas físicas, exercícios respiratórios, o controle das percepções orgânicas e diversos níveis meditativos.

O livro “O Navio Negreiro – uma história humana”, de Marcus Rediker será o objeto de análise na seção de resenhas, desta vez sob os auspícios de dois textos, por Gyorgy Henyei Neto e José Altran, mestrandos do departamento de Ciências da Religião. Com beleza e impacto, enquanto sustentado por registros históricos, o autor traça um panorama contundente sobre a diáspora africana, fazendo-nos compreender um pouco mais algumas das circunstâncias que construíram as religiões afro-brasileiras como tal. Esperamos que todas as contribuições sejam apreciadas e que se tornem impulsos para mais discussões e produções dentro e fora das Ciências da Religião.

Comitê Editorial